

REINO DE MACONGE

SOBADO DE FARO

CEIA NACIONAL EM ALTE 2023

CONTOS E LENDAS DE ANGOLA

Investigação: Henrique Vieira

Seleção e Adaptação: Henrique Vieira/Miriam Aço

Narradores/as:

- *Henrique Vieira*
- *Antónia Corrêa Mendes*
- *Fernanda Santos*
- *Isabel Vieira*
- *Milú Resende*
- *Miriam Aço*
- *Olivia Ribeiro*

ATIVIDADE CULTURAL REALIZADA NO NÚCLEO MUSEOLÓGICO DE ALTE
- 28 DE JANEIRO DE 2023 -

BREVE INTRODUÇÃO

No “Programa das Festas” da Ceia do Sobado de Faro, em Alte, tivemos sempre, na tarde de sábado, antes da ceia, um momento cultural que, ao longo das catorze edições, nos levou a visitar castelos, museus, centros históricos, e igrejas; em alguns desses programas que antecederam as ceias, também se realizaram palestras sobre diversos temas.

Neste “Programa das Festas” de 2023, realizou-se uma palestra intitulada “*Contos e Lendas de Angola*”, baseada num conjunto de narrativas resultantes da investigação histórica que tenho vindo a realizar sobre o passado angolano, investigação feita na Biblioteca do “Liceu Nacional de Faro” (atual Agrupamento de Escolas João de Deus).

Esta Biblioteca possui um extraordinário acervo documental do período colonial e as minhas leituras, na sala principal da Biblioteca, à medida em que ia encontrando as referidas narrativas, levavam-me, muitas vezes, para surpresa dos alunos presentes, a inesperados risos, provocados pela genuidade e intensidade dos textos. Pensei, então, como seria interessante partilhar alguns dos textos no *momento cultural* em Alte.

E, assim, fiz uma seleção prévia dos textos, partilhando, depois, com a Míriam, a necessidade de fazer uma revisão cuidada de palavras e conceitos, de forma a que ficassem mais adequados ao nosso tempo e contexto, sem perderem nada da sua vivacidade.

Ocorreu-nos, então, que seria interessante convidar diferentes narradores para lerem os textos seleccionados, garantido a diversidade, a dinâmica e o entusiasmo na leitura.

Com um grupo de maconginas maioritariamente professores/as, com boa voz, bem projetada, tivemos um momento cultural que nos trouxe riso, emoção, cumplicidade, memórias, e nos fez reviver, nos textos e com os textos, a magia africana.

Sentimos que todos os presentes partilharam, ao longo desta atividade, momentos de muita satisfação.

E, assim, procurando dar continuidade a esta partilha e respondendo ao pedido de alguns dos maconginos presentes, organizámos o conjunto de “Contos e Lendas de Angola” de forma a poder ser divulgado e levar a que mais pessoas possam lê-los e divertirem-se com a sua leitura.

Título: “ O HOMEM E O LEOPARDO” – Leitura: Henrique Vieira

Autor: Manuel Seixas

Publicação: “O Mundo Português” - N.º 21/22 – Setembro/Outubro de 1935 – Págs. 293 a 296.

“ A história que vou contar é simples e ingénuo como a alma do vátua velhinho que ma contou, naquela noite aluarada em que acampeei, pela primeira vez, nas terras do soba Tapalo, lá para as bandas do Zambeze.

Nesse tempo – dizia-me êle – os animais falavam. Nas florestas rumorosas, cheias de perfume e de mistério, havia uma infinidade de covis; e ali se acoitavam as feras.

No maior vivia o leopardo – animal soberbo, musculoso e brigão que, envaidecido com a força que Deus lhe dera e com a pele linda que lhe cobria o corpo ágil, teimava em ser o senhor absoluto de toda a redondeza.

E como o soba do lugar fosse um elefante caduco, que a muita idade cegara, um dia o patife resolveu lutar com ele, desejoso de lhe usurpar o mando.

Vendo-o descuidado, agarrou-se-lhe ao trombil e mordeu-le até sangrar.

Colhido de surpresa, o paquiderme nem se defendeu e o leopardo, aproveitando o ensejo, cravou-lhe na carne as afiadas garras e perguntou, com voz de trovão:

- Diz lá soba. Quem é mais forte, tu ou eu?

O pobre animal teve de se dar por vencido. Fez-se a costumada festa; soaram tambores e marimbas num batuque de estarrecer, e durante duas luas, a bicharada comeu e bailou à farta.

Porém, a certa altura do folguêdo, um dos do Conselho régio – o finório lince – estendendo a focinheira e piscando o olho esquerdo, disse ao novo régulo:

- Sim Leopardo, oiça cá: - Para que todos se curvem perante a sua poderosa vontade, torna-se necessário que vá por êsse mundo fora, até encontrar mestre Leão, pois o feiticeiro chacal afirma, a quem o quer ouvir, que ele é mais forte que vossa mercê.

Desta feita, o déspota vaidoso embezerrou, mas, no dia imediato, depois de ter pensado maduramente no assunto, resolveu pôr-se a caminho.

Durante uma semana inteirinha percorreu extensas anharas e sombrios bosques até que, numa radiosa manhã, ao formar o salto para transpôr um arroio de água cristalina, deparou, na outra margem, com um animal desconhecido.

Interpelou-o imediatamente:

- Olá, amigo. És tu o rei da selva? ... se és, levanta-te depressa, que quero combater contigo ... sou o soba leopardo!...

O Leão sacudiu a poeira da juba, arreganhou a dentuça amarelada e, com a cauda, enxotou um moscardo que lhe picava o flanco direito. Serenamente, sem precipitações, respondeu:

- De facto puzeram-me essa alcunha, mas não veio nada a propósito porque, na terra, há um outro animal muito mais terrível do que eu: chama-se o Homem. Portanto, antes de lutares comigo, deves ir procurá-lo; se o venceres, mediremos então as nossas forças.

- Aceitas?

- Está dito, retorqui o leopardo.

E lá se foi, caminhando sempre.

Quase à boquinha da noite, topou com um fazendeiro indígena que regava as leiras do seu arimo. Sem sequer o saudar, indagou quem era.

- Sou um mísero velho roído de febres e morto de saudades pelos meus, que a negra morte levou – disse o ancião, tremendo de medo.

- Bem. Não és o homem?

- Não sou nada, meu senhor ... coisa alguma valho já ... não passo de um farrapo!

A fera pediu agasalho para aquela noite e, de madrugada, seguiu viagem novamente.

Foi andando, andando sempre, até que encontrou um petizito que brincava à sombra de um cajueiro.

O felino inquiriu logo:

- És tu o homem?

O garoto sorriu ao dar a resposta;

- Não vês que ainda sou menino? Homem é o meu pai, que anda à caça naquele *moxito*.

E a criança, sem se intimidar, porque desconhecia o perigo, apontava na direcção do sul.

O leopardo, olhando de esguêlha para o petiz, foi ao encontro do caçador. Ao vê-lo, do outro lado do rio, indagou:

- Quem és?

Enquanto engatilhava a arma, o europeu, sem desfitar o inimigo, volveu, algo carrancudo:

- Sou um homem. Porquê?

E desdenhoso, disse ao leopardo:

- Ora segue lá o teu caminho e não me aborreças, hein!

O endiabrado soba leopardo é que não esteve pelos ajustes, nem mostrou receio algum. Sem preâmbulos, declarou ao que ia.

- Está bem, disse o europeu. Já que assim o queres, fica combinado o seguinte:

Enquanto eu passo o rio a nado, recuas tu trinta metros e, logo que eu chegue a essa margem, onde agora estás, saltas sobre mim e iniciaremos a peleja; veremos então qual de nós é o mais animoso ...

O leopardo acedeu; rápido como uma flecha foi colocar-se no lugar indicado. Momentos depois o caçador atirava-se à água, nadando vigorosamente. Mas, mal se apanhou em terra firme, fêz pontaria e zás ... descarregou-lhe uma chumbada.

A fera, ao ouvir o insólito estampido, deu às-de-vila-diogo e só parou quando o Leão, barrando-lhe o caminho, inquiriu o que se passava.

Com o peito arquejante, sufocado pela corrida, o leopardo – que já perdera as loucas fumaças de valentia – explicou:

- Tens razão camarada leão. Nem tu nem eu somos Reis. Rei é aquele monstro de duas patas, a quem me mandaste. Calcula tu que o grande bruto, tendo-se constipado ao atravessar o rio, para vir ter comigo, deu tamanho espirro que bastou isso para me atirar para aqui ...

Parou, a tomar fôlego.

Envergonhado, meteu a cauda entre as pernas e, ao querer continuar a narrativa, para explicar porque estava a sangrar dos pequenos buraquinhos que tinha na pele, com o susto, emudecera. E, envergonhado, de dia, nunca mais voltou aos povoados.

E é esse o motivo – dizia-me o vátua velhinho, naquela enluarada noite em que acampeei, pela primeira vez, nas terras do soba Tapalo – porque hoje o leopardo não fala e, se o encontramos, é sempre a sós, a esconder-se pelos juncais e capinzais, sempre envergonhado...

(adaptado)

Título: “A FERA BRANCA” – Leitura: Fernanda Santos

Autor: Emílio Castelo Branco

Publicado em: «O Mundo Português» - N.º 60 – Dezembro de 1938 – págs. 495 a 498

“ Certo africano rapazola, serviçal de certo europeu de negócios, era a manha em pessoa!

Êle surripiava por lambarice, êle estragava por perrice, êle mandriava, êle mangava, êle mentia mentiras deslavadas com o ar solene com que se dizem as grandes verdades, êle era o «diabo»! ... Mas tinha prendas: cozinhava, a deliciar o paladar dos anjos, servia à mesa com aprumo, passava a ferro com esmero e tinha bons ombros para carregar fardos, quando o patrão mandava e ele não podia escusar-se.

Ora a patrôa, D.^ª Gracinda com *dom* de fresca data, recrutada na fauna das sopeiras, era sabida em manhas de colarejas, mas estava verde em coisas de África e cega quanto a manhas de africanos. Por isso, e porque lhe convinha ao amanho da casa, apreciava o rapazola pelas suas qualidades e não tinha olhos que lhe vissem os defeitos. Pelo contrário o patrão, senhor Barradas, africanista veterano, de muito lidar com os indígenas, só tinha em conta as maldades; porque bondades, nunca lhas encontrara bastantes para o servir. Assim, remordia-se de não poder dar correcção a seu modo ao Cristiano – era a graça do serviçal, baptizado na nova e sumptuosa igreja de Malange, - porque a mulher, de cabelo na venta, nem sequer lhe consentia ameaças de pancada, quanto mais pancada!

E o malandrim dava largas à sua malícia que só se sente do castigo quando o castigo lhe doi na pele.

Às vezes tinha graça e tinha engenho.

Por exemplo: Apetecia-lhe tomar a carraspana? – Provocava restôlho dentro da barraca onde se arrecadavam as mercadorias, passando pelo buraco da ventilação uma galinha arisca e espicaçada. Caíam coisas com o esvoaçar e êle alarmava:

- Siô! ... Anda coisa mau na barraca!

O comerciante abria e o Cristiano entrava logo, tôdo audaz, de tranca em punho a bradir à direita e à esquerda para escorraçar o que quer que fosse. Havia derrocadas; a D.^ª Gracinda, muito crente em coisas ruins, agarrava o marido com a sua força de mulherança, para que não se metesse ao perigo. Era então que uma volta da tranca, ou qualquer coisa que se despenhasse, metia dentro o tampo de uma ancoreta; e o guloso afocinhava na vinhaça!

Quando a bebedeira o deixava estendido no chão, o Barradas não se iludia;

mas não era senhor de assentar uma palmada no Cristiano, porque a mulher, nem a bem, nem a mal, o deixava, convencida que aquilo era quebranto de luta com fantasmas.

Queria dar um giro pelo mato, fora de horas?

Êle lá sabia o fim ... deixava mal cerrada a porta da *quibanga* (curral) e, quando algumas rezes saíam, acudia a metê-las com tal jeito, que debandavam em fuga. Elas a correr e êle a correr, sumiam-se à vista e só apareciam quando calhava, isto é, quando o maroto não tivesse mais que fazer junto de certa rapariguita que por lá topava. É claro que, quando ele chegava, o patrão bufava; mas a patrôa radiava de contente, por não se terem perdido as cabeças de gado, nem acontecido mal ao rapaz.

Chegava-lhe a vontade de se empanturrar de galinha? Apanhava a mais gorda e espetava-lhe em certo sítio da cabeça uma agulha, das que surripiava do estojo de costura da D.^a Gracinda. A ave derrubava a crista e dava em cambalear. A patroa pegava nela, tentava o diagnóstico, deitava-lhe azeite no bico; porém a morte era certa e breve. Quem se aventurava àquela carne, talvez envenenada? Só o Cristiano, enquanto os patrões rilhavam fêveras duras de cabra.

Destas e quejandas andava o Cristiano gordo e luzidio como bugio velho em bananal viçoso.

O Barradas é que secava, de não poder fazer a vontade ao braço, que lhe pedia tosa no rapaz! Bem sabia que estava a ser experimentado, êle e a mulher, como é corrente o africano experimentar o patrão a quem serve, com partidas cada vez mais pesadas até à que rompe a paciência! Aguardava que esse momento chegasse à D.^a Gracinda.

Deu-se o caso de levar sumiço um vestido da senhora, o melhor e que ela estimava mais. Sem dúvida tinha sido roubado; tanto mais que o Cristiano avisara há tempos que andava gente suspeita em casa:

- Eu vi pessoa que não conheço a sair porta a fugir!

O casal não deu importância ao dito, mas via-se que era certo. A roubada ficou fula, incriminava o marido.

- Não quiseste dar crédito ao rapaz, aí tens!

E armou ralho grosso, a que o Barradas só respondia com gestos de mãos que queria dizer: - Dar tempo ao tempo ...!

Certo dia fez-se ouvir o *chingufo*. Era batuque que ia acontecer e, pelo troar, não devia ser longe. Quando este acontecimento se anunciava não havia africano nem europeu sertanejo insensível ao desejo de partir. Barradas, por prazer e por ganância – aquelas festas davam boas vendas de vinhos e cachaças – não podia faltar. Convidou a mulher, que também gostava, e chamou o Cristiano, para levar os garrafões. Ela teve de esclarecer:

- O Cristiano saiu à cata duma cabra que falta, anda no mato, em risco de vida!

O comerciante absteve-se do comércio, a resmungar, e foram os dois. Os estampidos do *chingufo* guiaram-nos e, desembocando no terreiro animado, que foi que os seus olhos viram primeiro?

O Cristiano a desengonçar-se na dança e a par dêle, uma rapariguita desenvolta a sofraldar o vestido rico de D.^a Gracinda!!!

O sangue da antiga sopeira lisboeta fervilhou. Atirou o *dom* pelos ares, rasgou o título de senhora, esqueceu-se até de ser mulher! Sentiu-se fera e avançou de sombrinha alta. O frágil guarda-sol, feito arma de combate estilhaçou-se na carapinha, não se sabe se na do Cristiano se na da portadora do vestido roubado. Depois foi à unha e ao tabefe: unhada numa, murro no outro, e mãos ambas a esgaçar o vestido no corpo da pequena.

Nunca se ouviu falar em onça que saltasse sobre um batuque! Pois o efeito viu-se então: cantos alegres transformados em gritos de pavor; todos a correr do centro para a periferia; mondos e chingufos a soar sempre, mas fora do ritmo, como trovões em tempestade, ou música fatídica do *Dia do Juizo!*

Conclusão: O batuque desfeito e, sós em campo, o casal de europeus e o rapazola, êste bem seguro nas mãos do patrão. Nas mãos da patrôa, como troféu, o vestido esfrangalhado!

Seguiram todos três para casa. A despeito das várias proibições, desta vez o Cristiano sentiu as consequências das suas audaciosas manhas.”

(adaptado)

Título: “SIGA O ENTÊRRO” – Leitura: Milú Resende

Autor: Emílio Castelo Branco

Publicado em: “O Mundo Português” – N.º 49 – Janeiro de 1938 – págs 21 a 23.

“Em certa sanzala da boa terra de Ambaca certo preto teimava em ser preto, isto é, fizera ponto, em matéria de assimilação, na altura do bápismo. Ora nessa sanzala, desde que as batinas e mansas palavras dos bons missionários e os panos, missangas e bugigangas dos finórios «pombeiros» fizeram chover civilização, e o feiticeiro, sempre «macangueiro», passou a meio clérigo, o preto é preto porque «é preto», e por mais nada! Tirando a côr e a carapinha, consoante se gaba e bate o pé, é «tão bom como tão bom».

O tal da teimosia achava bonito mas não acompanhava. Porquê? Porque era fazer qualquer coisa, e fazer nada era tudo, para êle. Casar como branco, rezar como branco, ir ver o «siô pade», muito aseado falar com «Nosso Siô», tornar-se «calcinhas», quer dizer andar com as pernas metidas em calças – contra o regalo da pele – eram coisas de dar gôsto e custavam pouco; mas nem assim lhe quadravam, porque, em todo o caso, era esforço: quanto mais «trabucar para manducar», à laia de branco e de preto feito branco! «Cassau» - o soba – quer machado para desbravar, quer enxada para cavar, mas não eram para as mãos dêle.

É verdade que os outros, mesmo assimilados até aos ossos, também lhe pegavam pouco, dando-se melhor com a doçura de dormir enquanto as mulheres cavavam, renitentes à lei de comer o seu pirão com o suor do seu rosto, comendo-o antes com o suor do rosto delas, menos amargo para êles. Este madraço, comia-o com o suor, mais saboroso e substancioso, e andava gôrdo e luzidio que nem hipopótamo em charco! Mexer-se só para levar a papa à boca, ou para a sua dançanita no batuque, a que não resistia. Fora isso sua posição favorita, quando não estava deitado, era acorado à sombra, se queria sombra, ou ao sol, se queria sol.

Bem lhe gritavam os camaradas:

- Tabaia Vitorino!

Vitorino, se queria dar-se ao incómodo, respondia:

- Bicho nam tabaia e preto nan sê menos de cá bicho! Branco tabaia mas preto nan sê branco!

Quási que tinha razão; mas os outros, atascados em civilização europeia, não lha davam. O que lhe davam era pirão; porque o «siô pade» tinha dito:

- Dá de comer a quem tem fome!

A pesar do mandamento, e do preto, por índole, ser «mãos-rotas», desdenhoso da regra do «meu meu, teu teu» e socialista a seu modo, chegou o dia em que, reconhecendo que quanto mais davam menos comiam, sobretudo que manter um madraço não é uso de branco, acharam a prática, além de pesada, indigna e decidiram pôr-lhe ponto final.

Mas como ?

Homem vivo come e come mesmo, e Vitorino vivo tinha de comer! Matá-lo então? ... O «siô pade» tinha dito:

- Não matarás!

Grosso embaraço! ... O feiticeiro, agora meio «siô pade», mexeu os miolos e deu-lhe saída:

- Vai ! - clamou, a pinchar e com os braços no ar, - pega nê, e enté!

E justificou:

- Nam bole mais, como ê qué, e nem come mais, como gente qué!

Nunca o agente dos espíritos, sentenciador de ofício, sentenciara com tanto acêrto: o madraço a gozar a quietação e as gentes presentes livres de o manter, sem quebra de obediência à doutrina, e livres também da pecha de fazer o que o branco não faz.

Tôda a sanzala aclamou, pinchou, berrou; vieram «cimpugas» – tambores – vieram «mondos», bateu-se rijo, atroaram-se os ares, bebeu-se «marufo» à grande, o sentenciado bebeu também, a bom beber, dançou-se o batuque até vir o dia de novo.

O enterro organizou -se com pompa e estadão: o enterrando bem deitado no esquife, luzes acesas, o feiticeiro coberto de quantos pano tinha, arvorado em padre, «mondos» a bater, tôda a gente a acompanhar. Quatro homens levavam aos ombros o esquife e o sacerdote improvisado, à mingua de latim, cantava as cantigas da «macanguice».

Pouco tardou que, convidado pelo som dos «mondos» e pelo próprio cantar, entrasse a balancear em passos dançados. Os outros, levados pelo contágio, não puderam ser senhores das suas pernas e davam-se ao mesmo balanço. O préstito ia degenerar irremissivelmente em batuque, quando da frente surgiu, a seguir seu caminho, um senhor inglês todo correto no seu fato branco, de largo capacete enrolado em gaze, bigodes pendentes da côr da espiga madura, montado num grande boi. O nosso Vitorino, madraço, teve curiosidade e deu-se ao trabalho de abrir os olhos e virar a cara para ver.

- Shooking! – Bradou o britânico.

- Sinhór, pára! ... Você levar defunto vivo!

Respondeu-lhe o capataz do acompanhamento:

- Sê madraço, vai enterrá pa tá deitado sempre!

- Oh! Você não pode enterrar homem vivo! Disse o inglês.

Retorquiu o capataz:

- Vitorino qué comê e nan tabaia, gente nan qué dá pirão!

- Oh! Mim dar comer êle! Mim dar fuba quanto homem come sempre!

Respondeu o inglês.

Entrou na conversa o interessado a perguntar lá de cima, do esquife:

- Siô dá fuba só, ou dá fuba feita pirão?

Respondeu o inglês:

- Mim dar fuba, você fazer pirão!

-Siga o entê! Ordenou Vitorino a fechar os olhos e a ageitar-se no esquife:

- Comê pirão, si siô; fazer pirão, nan siô!!!”

(adaptado)

TÍTULO: UM «DANIEL» EM ÁFRICA – Leitura: Isabel Vieira

Autor: António Florindo de Oliveira

Em: “O Mundo Português” N.º 136 – Abril de 1945 – págs 177 a 181

“ – Os africanos são inteligentes, sem dúvida, desde que se lhes desenvolva as faculdades!

Assim nos dizia o padre, expondo-nos os seus trabalhos de missionário.

- No entanto, como as crianças, na sua simplicidade, só compreendem o que vêem e apalpm. Tudo quanto é teoria, é assimilado por eles de uma forma bizarra, em harmonia com o conceito que formam pelo que conhecem. Desta forma, tanto deturpam a ideia, como deturpam as palavras, utilizando os sons do seu dialeto local. E compreende-se que assim seja, visto que o meio e as influências são tão diferentes da vida que vivemos. A que histórias interessantes eles nos dão motivos.

E foi-nos contando vários episódios:

Entre os nativos que ensinava, tinha um, a quem dera, no baptismo, o nome de Daniel, que era digno de nota. Aprendia com relativa facilidade e tudo queria saber. O dizer era lá a seu modo, mas até isso o tornava mais interessante pelo esforço que fazia para dizer como os europeus.

Nas lições, como se compreende, entrava a História Sagrada, em trechos separados, para mais fácil assimilação. Os mais alunos, ouviam com curiosidade, mas sem preocupações de sentido. Eram histórias que, mais ou menos, decoravam; que achavam muito interessantes; mas mais nada. Daniel, porém, tomava-as a peito, buscava compreender, e ... queria vivê-las. A respeito do Dilúvio, tendo havido grandes chuvas que provocaram uma relativa inundação, foram dar com ele a abater, com ardor, uma grande árvore, para formar uma jangada na qual seria o Noé da actualidade, à falta de melhor veículo que era impossível fazer em tão limitado tempo. Fôra difícil convencê-lo de que não havia necessidade de tal, pois que, a chuvada forte, era coisa passageira. E o único argumento que o convenceu, foi de que Deus nada lhe ordenara, como sucedera com Noé, pois que agora a humanidade não estava tão prevertida como a daquela época, e merecer tal castigo.

A passagem do Mar Vermelho, pela gente que Moisés conduzia, entusiasmava-o, embora não fizesse ideia do que seria o Mar Vermelho, nem a plenitude de tal fenómeno; e, quando na época da seca os rios quase secavam e conseguia passar a vau sobre as pedras salientes, dizia que conseguira passar o mar a pé, enxuto como os hebreus; assim como, quando as grandes cheias arrastavam os gados e as coisas nas suas correntes

caudalosas, bradava delirante, que ali iam os do Faraó, vencidos pelo poder de Deus.

Interessantíssimo o rapaz! ...

A sua imaginação efervescente, levava-o a uma vida sobrenatural em que era absolutamente feliz pela sinceridade do sentir. Nesse sentimento estava a sua fé, ainda que não pudesse avaliar do seu valor, nem o que tem de sublime esta virtude.

Imitando o José do Egipto, pretendia interpretar os sonhos e a todos perguntava quais os que tinham, dando-lhes significações que tomavam como profecias, de tal forma que, em seu tórno, todos o buscavam a solicitar os seus conselhos que êle dava com uma convicção absoluta. Nesta ordem de ideias, havendo naquela época uma certa abundância e interpretando, a propósito, os sonhos do régulo da região, aconselhava todos à economia e acumulação dos géneros, pois podia dar-se a escassez futura, visto que o búfalo, a engolir tudo, como sonhara o régulo, não queria dizer outra coisa. Não faziam objecções ao seu procedimento, pois que, dêle, só resultava o bem, tanto mais que, sendo sincero, nem por sombras incorria em pecado de vaidades ou orgulho. (...)

E era bem de aproveitar, pela influência que adquirira sobre os outros que viam nêle um ente privilegiado pelos espíritos superiores. O que é mais interessante é que os próprios feiticeiros gentílicos o vinham consultar, acatando as suas opiniões, conceitos e conselhos. E, como era dos padres que recebia a instrução, afirmando que dos missionários lhe vinha a luz do saber e o guia da alma, a missão destes tornava-se mais fácil, porque entendiam que, se assim tinham feito de um seu igual um ente superior a êles, é porque tinham grande poder, merecendo então, aprêço e veneração. Daniel, sem o conceber, era um grande auxiliar na obra de Deus que se procurava executar com consciência e proveito.

De todos os vultos da História Sagrada que admirava e queria imitar, era, porém, o seu homónimo bíblico o que mais o atraía e queria igualar, pois entendia que, se tinha o seu nome, assim o devia honrar, pautando a sua vida pelo seu exemplo. Em certa ocasião, uma pobre mulher que, acusada inocentemente, fugia da sanzala para não sofrer o castigo a que se via exposta, encontrando-o no seu caminho, agarrou-se-lhe às pernas, pedindo protecção. Êle, ignorante do caso, mas convencido de que ela não era culpada pela aflicção que sentia verdadeira, conseguiu que todos se explicassem, aclarando assim a verdade e libertando-a como era justo. Se a mulher não era «a Susana», nem os seus acusadores «os velhos» do episódio histórico, o resultado era equivalente no efeito. O que era de notar é que êle, procedendo pelo impulso recebido, era raro não acertar como convinha.

(...)

Discutindo com um dos régulos da região, que tinha um ídolo a que dava todo o apreço, desafiou-o a que se lançasse com ele numa cova de bichos, a ver se êle, ídolo, era capaz de o livrar do seu ataque. E como êle se recusasse a tal disparate por não ser esse o poder do seu deus, Daniel resumindo-lhe a história do seu Patrono que, pela Fé no Deus verdadeiro e obediência às suas leis, fôra lançado numa cova de leões que mal algum lhe tinham feito, prontificou-se a lançar-se entre feras, para lhe mostrar que o Deus que adorava e que era o único que se devia venerar, o guardaria. Que iria fazer isso, mas êle, régulo, havia de reconhecer e adorar o seu Deus, depois de ver que êsse é que era o verdadeiro Deus que tudo criara e era o senhor de tudo. Como o régulo ficasse espantado de tal atitude, tão fora da sua compreensão, partiu decidido à sua empresa, emprazando-o a que o mandasse seguir, e vigiar, para ter a prova do seu procedimento.

Meteu-se ao mato; e, como se passassem alguns dias sem ele aparecer, ignorando-se os motivos do seu desaparecimento, resolveram procurá-lo, na expectativa receosa de que lhe tivesse sucedido qualquer desastre. Foi então que o régulo em questão, declarou o que havia sucedido e que estava informado donde êle se encontrava.

Fizeram uma batida na selva, em que o mesmo régulo tomou parte com alguns dos seus, todos interessados no caso, indo dar com êle no interior, completamente são e bem disposto, sem que tivesse sido molestado por qualquer fera que ali havia em abundância.

Não estivera em covas de leões, que não havia ali tal luxo de exibição, mas andara livremente por entre bichos, sem que algum o atacasse. Divagara à vontade; dormia sem receio; e, ali estava, sem obstáculos nem contrariedades!

Milagre?! ... Nem era preciso milagre. A sua decisão, o seu desconhecimento do mêdo pela crença de que Deus o guardava para reconhecimento do Seu poder, a confiança que sentia em si, o preservavam de todo o perigo. (...)

O facto de S. Francisco Xavier amansar um cavalo arisco que a todos afugentava, só com o dirigir-se-lhe com decisão de o afagar, com palavras de carinho, é bem um exemplo do poder da confiança na acção precisa. Que, na ignorância de uns e na confiança consciente de outros, está a força das possibilidades humanas!... É que a força psíquica dos seres, impõem-se, mesmo inconscientemente ... Há a auto-sugestão do poder e a sugestão recebida da superioridade momentânea.

Era o caso de Daniel, convencido do poder que lhe assistia, pela missão que concebera, desconhecendo, no entanto, as faculdades possuídas.

E não foi fácil convencê-lo de que a prova estava feita, devendo voltar à vida

normal. Só quando o régulo, maravilhado do sucesso, lhe declarou que reconhecia a verdade da protecção do seu Deus e que a Êle se submetia, convencido do Seu poder, é que resolveu retirar-se, visto que a sua missão estava cumprida.

Foi, como em festa, que os bichos nunca tinham visto, que o Daniel africano, sentindo-se bem o Daniel da época bíblica, voltava à vida normal em que todos o queriam. E êle bem o merecia, pela sincera vontade de bem cumprir”.

(adaptado)

Título: “SE CALHASSE” – Leitura: Olívia Ribeiro

Autor: Emílio Castelo Branco

Edição: «O Mundo Português» N.º 54 – Junho de 1938 – págs 269 / 272.

“ Constantino e Quitéria, nascidos e criados na abençoada terra de Malange, baptizados, catequizados e cristãos, como os bons cristãos, eram marido e mulher casados à face da igreja e pais de muitos filhos. Família de cultivadores, como a si próprio se chamam, com vaidade, ou de *calcinhas*, como lhes chamam.

Com muitas bocas a manter e submetidos à disciplina da «civilização», tinham que lhe dar, e dar-lhe a bom dar no trabalho! A Quitéria nunca largava de mãos o *ditemu*, ou o *pilão*, ou qualquer outro instrumento de trabalho. O Constantino lidava de *cassau* e de catana, a desbravar, e às vezes, - que remédio quando a necessidade o exigia! – também pegava no «ditemu» e cavava. Não caçava de espingarda, porque não a tinha, nem de azagaia, porque tinha medo ao bicho fera. Armava laços ao antílope, as mais das vezes sem sorte. Nunca se embebedava, aliás porque faltava com quê; mas em batuques, quando havia *marufo*, era como os outros! Para regalo do corpo, não perdia vez que se apropinquasse de se estender a dormir à sombra, cá fora, ou ao abrigo da chuva na cubata. Assim vivia o casal, porque não podia viver melhor. Em tempos passados, tinha possuído regular número de cabeças de gado; mas, umas levadas pelas feras, outras mortas pela sarna, algumas abatidas para comer, - porque a barriga também dá lei! – e muitas vendidas para pagar impostos e para comprar panos, tinham-se ido tôdas, a ponto de não restar na *quibanga* senão uma só e desolada cabra!

A mulher lá se ia resignando; porém o homem, percebendo na pobreza maior trabalho com pior passadio, afligia-se de ver aquela magreza excessiva do aprisco (redil), que até parecia castigo de *Nosso Siô*.

Constantino e Quitéria, bons cristãos, como já se disse, por obediência às instruções do *siô pade*, e por jeito próprio, - pois custava tão pouco e era tão bonito! – frequentavam com assiduidade as práticas religiosas e ouviam com atenção as pregações, tão lindas, dos bons missionários.

Ora êles diziam que Deus, senhor de todos os bens, é bom e recompensa com largueza quanto recebe dos homens: - Por um dá mais de cento! Repetiam.

Estas categóricas afirmações calavam no espírito de Constantino e faziam-no meditar:

- Ah! Não ter ele que dar a *Nosso Siô*! Ainda, se Ele andasse cá por fora e viesse à sua cubata, dar-lhe-ia do seu pirão, do seu *marufo*, se o tivesse, e

fumaças do seu *quimpeche*! Mas como obsequiá-lo, se Ele nunca saía da casa do *siô pade*? Ao fim de muito pensar, teve uma ideia heróica, pesou-lhe os prós e os contras, e resolveu pô-la em acção. Chamou a mulher e disse:

- Quité, nós vai dá nosso cabra a *Nosso Siô*!

Com tudo se conformaria a pobre criatura, menos com esta! Desfazer-se da sua única riqueza, da qual tirava algum leite para os filhos e que, de onde em onde, lhe dava um cabrito, era demais! Ousou retrocar:

- Nosso cabra sê um, se nós dá fica nenhum! ...

A conta assim feita, não deixava dúvidas; mas Constantino tinha a dele ferrada e repetiu:

- Nós vai dá nosso cabra ... Tu deixa dá ... Nós tê muitas cabras depois!

Ela ainda quis fazer valer o acêrto do seu cômputo contra o disparate deste; não houve contagem, de dedos estendidos, que convencesse o obsecado homem. Enfiou as melhores calças, pegou na cabra, e foi levá-la ao *siô pade*, para dar a *Nosso Siô*.

O missionário agradeceu comovido e retrucou com alguns panos que valeriam bem o velho animal. Disse, ao despedi-lo:

-Vai, meu filho, Deus te dará muitas vezes o que acabas de lhe dar!

Retirou-se o bom do africano consolado com a esperança nesta promessa e um tanto com a vista dos panos que adiantadamente trazia nas mãos, panos esses que tiveram o condão de desanuviar o coração da mulher da saudade da querida cabra. O padre também ficou contente com o acto de bom católico do seu doutrinado, e mandou reunir mais aquela cabeça às inúmeras que povoavam a bem fornecida *quibanga* da missão.

Deu-se o caso que a cabra, desabituada da convivência, encontrando-se mal, entre tão numerosa companhia, alta noite, irritada, virou-se às marradas à porta até que esta, de si pouco resistente, cedeu e ficou aberta. A rebelde saiu fora e, por princípio de imitação próprio daqueles animais, quantas outras cabras, carneiros, ovelhas e bodes lá estavam na *quibanga*, saíram também. Sentindo-se solta, chegou-lhe a nostalgia da sua *quibanga* (curral) e para ele encaminhou os passos. Já se deixa ver que os companheiros, fiéis aos seus usos de reses arrebanhadas, foram prontos a segui-la. Chegados à nova habitação, a dona da casa transpôs a porta aberta, os outros deram-se por convidados, e a *quibanga* do Constantino e da Quitéria, ficou cheia!

O Constantino, toda a noite embalado em sonhos de riqueza, mal o dia apontou pôs-se fora da cubata. Ao ver no aprisco tantas cabeças e ao ouvir tantos balidos, a surpresa não foi extraordinária porque, mais ou menos, com isso contava, mas a alegria foi tal que esteve rés-vés a ir ao chão com um ataque. Chamou a guinchar:

- Quité, Quité, nosso *quibanga* está cheio de muito cabeça!

A Quitéria veio tresnoitada. Aquela fartura de gado figurava-se-lhe o diabo, e tanto que queria benzer-se e não atinava. Quando pôde, tartamudeou:

- Sê diabo feita cabra e feita bode e cáneiro! ... Bota fora, Constantino!

Mas Constantino teimava:

- Sê nosso gado que deu *Nosso Siô*!

E era assim mesmo: gado dêles, muito dêles, e para sempre!

O afortunado *calcinhas* foi de corrida à missão dar a boa nova ao *siô pade*.

De longe já gritava:

- *Nosso Siô* deu muita cabeça de gado! ... Muito obrigado *Nosso Siô*! Muito obrigado!

Já se tinha dado pela falta do rebanho e já se andava em busca dêle. O missionário, homem de inteligência clara, mandou suspender a busca, e que ninguém mais falasse no desvio das reses.

Que vantagem tiraria para a missão em discutir a posse daquelas cabeças que o Constantino chamava suas, dadas por Deus, como êle, padre, havia prometido?... Que ideia ficaria ele a fazer da munificência do Senhor e da palavra dos ministros? ... Depois ... a *quibanga* da igreja não ficaria muito tempo deserta: O facto havia de ter eco por essas sanzalas além e a romaria de cabeças para a casa de tão dadivoso Senhor, não teria fim!

Limitou-se a dizer ao Constantino:

- Vês?! ... Como *Nosso Senhor* pode tudo e paga bem e pronto a quem O serve? Pois serve-O sempre para Ele ser teu amigo!

- Si *siô*! – Respondeu, e foi-se embora a pensar em servir ao Senhor e governar a vida.

No caminho encontrou a Quitéria, de panos até aos pés e a cabaça do *marufo* na mão. A boa mulher tinha-se desenganado quanto à autenticidade das reses, que, longe de serem o diabo, eram bons carneiros, boas cabras, boas ovelhas, óptimos bodes. Tinha-se também compenetrado de quanto é grande a liberalidade de Deus na paga do que recebe.

Desejosa de festejar a sua inopinada riqueza com um batuque de estrondo, ia levar aquele restinho de *marufo* ao *Nosso Siô*, a ver se calhava aparecer-lhe em casa o bastante aos gastos da festa... E algum de sobra, se pudesse ser!”

(adaptado)

Título: “A CARTA” – Leitura: Antónia Corrêa Mendes

Autor: Maria Archer

Edição: “O Mundo Português” –N.º 13 – Janeiro de 1935 - págs. 7 a 12

“Para falar de África e dos seus habitantes ao sul do Sahara, nunca se abusa da palavra «*mistério*». A África está ocupada e é desconhecida. O africano vive a par de nós e não o entendemos.

Certa madrugada Bamba partiu de Senacula para a missão de Canavale, levando à cabeça um fardo de fazendas, negócio do comerciante seu patrão, e uma carta para o missionário.

Bamba é forte, é esperto, é ligeiro, sabe tudo o que um bom africano do mato pode saber. Tem o sentido do caminho, e não se engana na escolha dos carreiros abertos no capim, segue sem exitar aquele que deve seguir. Dorme no chão, quando em jornada, sob os ramos abobadados de árvore volumosa de bastas folhas, junto à fogueira em chamas, que protege das feras, que aquece e acompanha, camarada e vigia seguro dos sonos na selva, a brilhar como olhos de mulher bonita, a estalar com risos de gente satisfeita, a mover-se como batuque de festa!

Bamba não tem relógio e compreende as horas, estuga o passo ou repousa conforme computa o tempo e lhe convém, ou para alcançar o povoado onde quer dormir, ou o rio onde quer beber. Pára quando entende, faz lume, cozinha o seu mantimento, dorme e depois segue, leva o seu fardo à cabeça, leva o que tem para comer, e assim vai e assim viaja, despreocupado, semi-nu, uma pele de antílope a pender-lhe da cinta, - e na liberdade plena dos seus movimentos, caminhando dias seguidos sem fadiga e sem enfado, decerto se sente feliz.

Ele bem sabe que a terra é grande, e essa grandeza não o assusta: confia em si, na sua força, e nas suas manhas. As suas fortes pernas, sempre a caminhar, vão levá-lo onde ele queira, e onde precisa ir. Sente na terra aconchego materno, nos vegetais sente amigos, nas feras adversários com quem se pode medir. Nada teme, nada o preocupa, nada o contrista. Só uma coisa lhe pesa no cuidado e no pensamento: A carta!...

Bamba não compreende ao certo o que é uma carta, o que é, exactamente, aquele pequeno objecto fragil e precioso, tão facilmente danificável e sujeito a sumiços, a desfazer-se, a voar. Ele sabe apenas que o seu patrão – e todos os comerciantes, por igual! – perdoam facilmente que o africano perca um boi da manada, ou uma carga de carregação, mas ficam em cólera, em fúria e em desespero, se o homem que vem de longes terras, com muitos dias de viagem pelos matos, emissário partido da casa de outro comerciante

ou de amigo distante, lhes diz muito ingenuamente, muito sorridente, que por lá tudo vai bem – mas ... carta não tem, já não traz, perdeu a carta ...

O que será uma carta?

Bamba pensa muito bem no caso e chega a perceber que a carta é coisa de grande feitiço. Os europeus animam-na de um poder incrível e misterioso, a carta leva ao longe a sua voz, vai falar do que o comerciante sabe e do que aconteceu, e o que é que o patrão quer. Bamba meteu na cabeça, e compreende que, da sua incumbência, o mais importante é a entrega daquele pequeno objecto frágil e sumidiço, que o seu patrão lhe deu à mão, com muito cuidado, muita recomendação, dizendo com intimativa e voz severa, e os olhos fixos nos dele:

- Olha a carta! Não percas a carta!

A carta! Bamba sabe que apenas chegado a Canavale e mesmo antes de abrir o fardo, e mesmo antes de lhe dar de comer, o missionário vai perguntar pela carta! A carta! O que será, ao certo, uma carta?

Por tudo isto, pelo mistério que pressente e que o inquieta, Bamba pensa na carta, e de momento a momento, olha para ela, certifica-se da sua presença e do seu estado. Bamba é esperto e matreiramente pôs a carta amarrada na ponta da vara que leva na mão, como um porta bandeira, muito ao alto e bem visível, para que aquele engenhoso feitiço apreensor da voz do patrão, e detentor de parte do seu poder, lhe sirva de talisman contra possíveis maus encontros na selva, feras ou espíritos malignos. A carta vai ali, ao alto e bem à vista, e tudo no mato fica sabendo que Bamba é rapaz capaz, mensageiro que leva carta, que vai de viagem por mandado do seu patrão, homem de feitiços, homem grande que sabe fazer carta!

Bamba conhece muitas coisas úteis, mas não sabe calcular a divisão do seu mantimento, nem repartir por dias e porções a sua ração de viageiro, feita de peixe sêco e farinha de milho. Veio assim a acontecer que comeu demais, e em pouco tempo rapou os alforges. Ao fim de três dias de jornada, Bamba já não tem que comer, e ainda lhe faltam dois dias para chegar a Canavale, à casa amiga do missionário, onde vai repousar, comer, dormir abrigado, e regalar-se de ouvir casos maravilhosos de várias terras e várias gentes.

Chegou a noite e Bamba entrou numa sanzala, açaçapada à beira do caminho. Aí comeu e dormiu. Para diante, até à Missão já não encontra mais poiso nenhum.

O africano que viaja é sempre bem acolhido onde chega e passa. Geralmente come e dorme onde houver comida e lugar. Como na Europa, nos antigos tempos, ao trovador errante de castelo em castelo, o africano recebe aquele que vem contar as novas acontecidas para além, nos longes do horizonte, casos que ocupam a sua mente e ligam às mais vidas a sua vida.

Alta noite Bamba pensa, pensa e resolve. Resolve qualquer coisa, sim. Mas há um escolho, a carta ... a carta!

Passaram-se graves coisas no escuro da palhota, nessa povoação onde Bamba dormiu. Feitiços talvez ... A carta foi enterrada e exumada. O fardo de fazendas foi aberto e fechado. Bamba partiu na seguinte madrugada, com a carta, com o fardo e com novos mantimentos.

E continuou a sua marcha pela selva, dois dias mais de caminhada, comendo, dormindo, sem fadiga, e sem enfado, forte nas suas fortes pernas que nunca repousaram em lombo de cavalo, triunfante na sua resistência de animal bravo, criado e vivido em íntimo contacto com a Natureza.

Continuou a marcha sem cuidados, olhando a carta sem cuidados, confiante na sua esperteza, seguro de ter sabido desembaraçar-se e vencer a dificuldade surgida, seguro de ter agido com esperteza.

Como êle muito bem previa, porque Bamba já servia há muito tempo os europeus, e conhecia os seus usos e costumes, o missionário, logo que viu a carta, a tirou do pau, e a guardou muito bem dobrada num bolso fechado.

Só depois mandou Bamba comer e descansar, e veio então sentar-se ao pé dele e saber novas de Senacula, e dos cristãos africanos que ali baptizara, e da viagem, e do que vira pelo caminho. Por fim abriu o fardo e contou as peças de fazenda, riscados comprados ao amigo comerciante para vestir os africanos catequizados na missão.

Apareceram as peças de riscado, vermelhas e azuis, em desenhos pequeninos e berrantes, muito duras de goma, atraindo os olhares fascinados das gentes que rodeavam o portador, o homem prestigioso que vinha de longes terras, dias e dias caminhando pelo mato com tamanha riqueza consigo! Uma, duas, três, quatro ... nove! Mas ... a carta dizia dez!

O missionário olhou para Bamba, indeciso e suspeito. Vagarosamente, do bolso fechado, tirou a carta dobrada, que muito bem olhou, que voltou a ler. E, voltando-se para Bamba, mostrando juntamente a carta e as peças de riscado, seguro de si e da sua razão, disse estas palavras terríveis:

- Estão aqui só nove peças ... tu trazias dez ... dez ... a carta diz que tu trazias dez ... a carta diz que tu roubaste! ...

Sensação!...

Bamba está lívido; empalideceu, é tão intensa a descoloração dos músculos da face que se percebeu logo que havia mistério. Bamba sente abrir-se-lhe em frente um grande buraco em que sossobra toda a sua compreensão. A carta, o misterioso feitiço, a dizer que ele roubou! Mas como pôde a carta saber?

O missionário, discute, ralha, exclama! Seguro do que a carta diz, seguro da verdade e, pela evidente perturbação da africano, intima Bamba a explicar-

se. A carta está ali, a carta não se engana, a carta diz que ele roubou! Bamba olha a carta ... A carta! Mas como pôde a carta saber? Bamba está aterrado, desarmada e caída no grande buraco a sua esperteza, em face do prodígio que vê cumprir-se.

A carta sabe!

Ele vai contar, desabafar, atirar ao ar o peso que sente na alma, a interrogação que o sufoca, porque ele quer, precisa saber, tem de compreender como é que a carta sabe a verdade, a verdade que ele escondeu, a verdade do que ele roubou!

Então começou a contar que foi na povoação em que dormiu que ele, Bamba, pensou na vida. Não tinha farinha, não tinha condimento e via diante de si dois dias a caminhar já sem recursos.

Era noite, bem escura e bem fechada. Então Bamba fez uma cova funda na terra dura da palhota em que dormiu, tão funda como o tamanho do seu braço, estendeu-se de bôrco no chão, e lá em baixo do furo, pôs a carta, enrolada em folhas de bananeira para se não sujar. Encheu seguidamente a cova de terra, e calcou a terra com os pés, e pôs em cima a tapá-la, uma grande pedra e sobre ela sentou-se.

Depois, sossegado, bem sossegado porque a carta nada via, abriu o fardo, tirou dele uma peça de riscado vermelho, pô-la de lado, fechou o fardo, atou-o e amarrou-o. Ali mesmo, vendeu a peça de riscado, entre a gente da povoação e, com o dinheiro, comprou farinha, peixe seco e tabaco ... Quando acabou todo o negócio, e já não havia vestígio algum do seu delito, voltou à palhota, abriu a cova, cavou com ambas as mãos e, triunfalmente, retirou a carta, que repôs ufano no alto da vara que levava erguida em viagem, como um porta bandeira, essa carta que continha misterioso feitiço, talisman para maus encontros na selva, feras carniceiras ou espíritos malignos!

- Oh! Meu patrão, *siô pade*, eu roubei. É verdade que eu roubei! Mas carta não viu nada! Carta estava no fundo da cova, grande como o meu braço, a terra pisada, a pedra por cima. Carta não viu nada, meu patrão, *siô pade*! Carta não viu nada! Como é que a carta sabe?

Mesmo que o missionário lhe explicasse, Bamba não compreenderia!

Era outro, o seu mundo de conceitos!...”

(adaptado)

Título: NHÁ MARIA – Leitura: Míriam Aço

Autor: Emílio Castelo Branco

Publicado em: “O Mundo Português”, nº 118, Outubro de 1943 - págs. 923 – 926)

“Nhá Maria foi *pegar-pé* ao pôsto militar. *Pegar-pé* vem a ser o mesmo que por cá se diz *beija-mão*. Nhá Maria era uma sobeza, isto é, soba feminino, coisa rara na História, mas que também acontece, quando calha de faltar homem capaz e aparecer mulher audaciosa.

Apesar de pertencer ao sexo, chamado fraco, Nhá Maria não foi dos sobas menos fortes no seu tempo, na rigeza de ânimo e firmeza de mão. Também não foi dos menos espertos, em tricas políticas e rasgos de argúcia. Foi senhora de se lhe tirar o chapéu.

Resolveu ir *pegar-pé* com grande estadão de acompanhamento. Ia na sua tipóia conduzida por dois súbditos, como dantes o coche real, em cortejos de gala, era tirado por muitas parelhas. Ao lado da tipóia caminhava o marido oficial, o *soba-consorte*, como se diria, carregado com uma cadeira para a excelsa espôsa se sentar quando lhe apetecesse mandar parar e apear-se, a fim de se desenfadar da jornada. Mas a cadeira não o incomodava tanto como o farto espadão que trazia prêso à cinta e nunca o largava, por expressa ordem da consorte. Amiúde perguntava para dentro da tipóia:

-Tu quer sentar?

Não era porque lhe pesasse da espôsa se sentir cansada, êle é que se sentia, e sabia-lhe bem pousar a cadeira e sentar-se; mas no chão, com os joelhos à bôca e o sabre entre os joelhos.

No cortejo seguia um quási rebanho de cabras e cabritos, até um porco, e carregadores, em bicha comprida como a vista, levavam galinhas vivas e farto rancho, isto é artigos de mantimentos, parte para comer e parte para presentear o *Mueniputo*(*Rei de Portugal*).

- Tu quer comer, Nhá Maria?

Perguntava, também, o solícito espôso.

O menos em que pensava é que ela levasse fome, queria mas era que se fizesse alto e se levantasse *fundinho* para ela recolher o precioso corpo e êle sentar-se da banda de fora, atento às ordens. Tal qual o invés dos outros súbditos da *sobeza*.

Fundinho, era como os europeus faziam nas suas viagens, espécie de pequena cubata improvisada com ramas de árvores, para se resguardarem e dormirem.

Nos altos matava-se uma galinha para o *infungi* da soberana, do qual o

consorte partilhava. Mas tinha de embolar nos dedos o *pirão*, vez para si vez para ela, e meter-lhe as bolinhas na bôca, bem molhadas no infungi, deixando-lhe só o trabalho de empurrar com o dedo para a goela, e engulir.

la no carregamento boa dose de *marufo* para animar os *batuques* que, sem remissão, surgiam em cada alto, onde tudo faltaria, menos os estrondos da instrumentária musical fragosa. Também ia um *kissange*, instrumento de toada maviosa, para acariciar os ouvidos da *sobeza* nas horas de repouso. Nas horas de *batuque*, ela tirava de si a indumentária da soberania e atirava-se à dança, a desnalgá- se e a berrar como qualquer dos seus súbditos. O consorte, igualmente, a gritar no alarido:

- Bate no dança, Nhá Maria! Salta no perna, Nhá Maria!

Atrevimento de língua êsse que, fora de tais circunstâncias, lhe custaria, pelo menos, canelões com o trâcho de madeira rija, estilizadamente esculpida, que ela empunhava como ceptro.

Nhá Maria não era nova nem velha, tinha estrutura masculina, salvo os seios longos e caídos, próprios de mãe africana. Enfeitava-se no corpo e na cabeça com deslumbramentos de chitas e missangas de quantas côres o arco-íris tem e não tem, e cingia-se com um cinturão militar de fivela lustrosamente polida pelas mãos do atento consorte. Em ocasiões solenes, pendia desse cinturão um espadim dos que dantes usavam os músicos regimentais da metrópole. Mostrava nisso gosto feminino, outra fôsse ela que usasse o chanfalho que o consorte trazia, como os sobas tanto gostavam de usar.

Nhá Maria queria imitar em tudo os europeus, o seu nome era de cristã. Por cálculo racional, ou por instinto, fazia tudo quanto nela fosse possível para ser e parecer civilizada. Caía nos *batuques* porque não podia mais, mas arrependia-se e, para ter escora num exemplo, não queria que o marido entrasse neles, ordenava a ralhar:

- Tu não bate mais no dança! Se tu bate no dança, eu bate na tu!

Ameaçava-o com o ceptro de madeira esculpida; mas não valia nada, o consorte dançava sempre e ela também.

Quando a *sobeza* chegou com aquele estadão todo, os do pôsto militar pegaram em armas e fizeram-lhe continência, como autoridade que era reconhecida. Ela puxou por quanta sabedoria tinha das praxes, e correspondeu, tão bem como pôde, tôda ufana de lhe parecer que se portara à altura. Assim se portasse o consorte que ficou basbaque, e por isso apanhou um beliscão tremendo!

Satisfeita consigo, da primeira prova que dera de civilizada, Nhá Maria protestou manter-se na dignidade. – Lá tinha a sua figada! – Assim é que no grande *batuque* que se seguiu à entrega do presente, não só ficou de pé firme sem se atirar à dança, como evitou que o consorte se atirasse,

segurando-o, bem preso por um braço. Sacrifício para ambos, e mais duro para o consorte, que, se não ficou com uma negra no braço, é porque êle de si já era negro.

Africano quando dá é para receber; portanto Nhá Maria, ao dar tantas cabeças de gado e tantas coisas boas do sertão, com alguma coisa contava. O comandante do pôsto, assim o entendeu, como sempre entendia, e fez-lhe dar peita correspondente à recebida. Deram-lhe chitas berrantes, uma sombrinha encarnada, coisinhas de metal reluzentes para as orelhas e pescoço, enfiadas de missangas, todo o preciso para fazer uma africana feliz! Mas, Nhá Maria foi-se embora aguada, não era aquilo que ela queria ... Que queria então? Queria ... Nem que fosse um dia só ou uma hora! ... Entrar na casa do comandante do pôsto, conviver com pessoas brancas, conhecer os seus hábitos, sentar-se diante da mesma mesa com êles e elas, falarem de mano a mano, tomar um banho geral de costumes europeus tão diferentes.

Audaciosa Nhá Maria!”

(adaptado)

Título: “MORTO E BEM MORTO” – Leitura: Henrique Vieira

Autor: Emílio Castelo Branco

Publicado em :«O Mundo Português” - N.º 46 – Outubro de 1947 – págs. 455 /457

“Ambaca, boa terra, tem gentes cultas, quer dizer, com escola de missionário europeu a sobrepôr na credence do feiticeiro nativo.

Às vezes o feitiço vem acima e a catequese fica por baixo; mas o comum é andarem baralhados em mixórdia ruim de destriçar.

Seja como for, o certo é que africano de Ambaca é esperto, não se deixa embarrilar, não dá ouvidos a brutos, nem a tanto como tanto, e sabe que coisa é gente e que coisa é bicho, e que coisa é vivo e que coisa é morto!

Senão é ver este exemplo:

Vitória, mulher cristã de Benedito, apresentou-se em casa do missionário com ar pesaroso à maneira dela, de beijo caído e olhos esbugalhados, e disse assim:

- Siô pade, pai Benito morreu!...

O missionário não ficou contente com a falta de zelo católico da velha catecúmena e admoestou-a, com azedume:

- Estúpida! Porque não vieste chamar-me com tempo, para lhe levar o Nosso Senhor?

- Pai Benito deitô, bateu pé, fechô o zoio, nem diz qui qué Nosso Siô!...

- E quando foi isso?

- Foi quando pai Benito morreu...

- Bem, volta para casa, ajoelha ao pé dele e reza ... Eu vou lá!

O senhor padre mandou fazer o caixão e preparar o entêrro, pôs a sobrepeliz e a estola, chamou o muleque que transporta a caldeirinha de água benta, e foi, com ele ao lado, a casa do defunto.

- *Requiescat in pace!* – dizia a salpicar com água benta o corpo estendido.

Depois fez-se o acompanhamento e reponso na igreja, com muitos vizinhos, de vela acesa na mão, e o senhor padre a cantar. Porque pai Benito era cristão, tão bom como qualquer outro crente, baptizado e casado como católico. Desceram-no à sepultura e todos foram embora, menos o coveiro que o havia de enterrar.

A tampa do caixão era feita de cipós e pano a cobrir. Quando a primeira pázada de terra caiu, o pano rasgou, alçou-se meio corpo, e o defunto ficou sentado.

Indignação do coveiro:

- Que africano vivo espirrasse contra o mundo, se furtasse aos castigos, e até

mangasse com os europeus, vá que não vá! Mas africano morto encrespar-se contra o entêrro, era demais para um digno coveiro! Ralhou cheio de autoridade:

- Qui má quiação de môto levantá! ... Deita já! Qui eu qué enterrá!

Porém a voz do defunto bradava de baixo:

- Nan enté nan! Tá vivo!

Com efeito pai Benito era morto falso e vinha outra vez à vida, passada a catalepsia, se não era da bebedeira.

Mas amigo coveiro tinha ôlho, - ou não se chamasse pai Paulino! – e vozes de brutos não o convenciam. Berrou para baixo:

- Cála, seu buto! ... Tá môto e bem môto! Siô pade disse latim, botô água-benta, fez reza dos mótos, e qué tá vivo? ... Deita já!

Não havia que argumentar: desde que o senhor padre tinha rezado o latim, feito a reza dos defuntos, deitado água-benta e mandado para ali, é que estava morto e bem morto! Pai Benito conformou-se; mas a sêde do marufo era tal, que se sentia morrer outra vez se não chegasse as beiçolas á cabaça. Condescendeu, e pediu:

- Tá môto, mas tem sêde ... Deixa i bêbê na cubata e volta!

O bom do pai Paulino coveiro de mérito, bem sabia que tortura era apetecer o marufo e não beber. Acudiu logo, compadecido:

- Sim, home, vai bêbê ... ê espé!

Pai Paulino ajudou o morto Benito a sair da cova, desativou-se a mortalha e lá foi com forças novas emprestadas pela perspectiva da cabaça, a caminho da cubata.

A mulher, Vitória, como boa cristã, rezava que rezava, como tinha mandado o senhor padre. Quando viu aproximar-se o homem, a indignação foi tal ou mais que a do coveiro Paulino quando o viu levantar-se.

Gritou-lhe de longe:

- Que vem cá fazê?

- Vem a marufo! Respondeu o sepultado: - Qué dê a cabaça?

O apetite do marido comove a viúva, experiente como o outro daquela necessidade. Deu um pulo, foi dentro, e apresentou a vasilha. Dizia compungida:

- Bébe, fiinho, consola e vá enterrá ... Não teime andar cá quê tá môto e bem môto! Siô pade rêzou!

Refeito com a cachaça, o bem-mandado pai Benito, encaminhou os seus passos para onde o aguardava o coval.

Quando pensava ir receber a última-de-mão que se confere aos defuntos, novo empate surgiu:

Pai Paulino, o respeitavel coveiro, a quem a lembrança do marufo coçava as

entranhas, não tolerou que um bisbórrias de um cadáver, que fôra regalar-se com seu consentimento, viesse sem lhe trazer sequer um gole! Levou-se do diabo, e dava maneios à enxada de quem quer fazer verdadeiro o falso cliente que lhe aparecera. Incepava com berros:

- Seu nharro sem vêrgonha! Nam dá mata-bicho? ... Pois já não enté!...

Pai Benito não esperava tal espiga; tratou de suster a ameaça:

- Nam faz isso qui dá mata-bicho e dá batuque! Vem cubata ... bebe e dança ...dêpôs enté! Tá môto e bem môto!

Os dois lá foram, já noite, e na cubata bateram rijo o chingufos. Não ficou vizinho algum nas palhotas, tudo acudiu à dança e à bebedeira, como na verdade houvesse morte e não fosse de cristão!

Na barulheira dos *chingufos e mondos*, dos guinchos e dos pulos, entre os vivos não se distinguia o morto, que estava morto e bem morto à espera de se enterrar.

(adaptado)

FIM